

Aos 80 anos, morre a Voz de Ouro no Retiro dos Artistas

Depois de um derrame sofrido há três meses, que deixou sem fala a "cantora da voz de ouro" — como era conhecida na década de 20 —, Aracy Côrtes não se levantou mais da cama, até que veio a falecer na madrugada de ontem, por insuficiência cardíaca. Aracy morreu às 3h30m, na Casa Retiro dos Artistas, em Jacarepaguá, onde passou os últimos meses de vida. O corpo foi velado no Teatro João Caetano, de

onde saiu hoje de manhã para o Cemitério São João Batista.

Durante a internação para tratar das conseqüências do derrame — arteriosclerose e problemas da fala —, o estado de Aracy se agravou com um tombo da cama, em que fraturou o fêmur direito. Removida para a Clínica Renault Lambert, a artista foi operada (colocaram haste de platina na sua perna), mas apesar disso não pôde mais

andar. Assim chegou ao Retiro dos Artistas.

As visitas mais frequentes que recebeu ali foram as de J. Maia — contra-regra teatral, que ela chamava de afilhado e que acabou se transformando num misto de empresário, amigo, pai e filho da atriz — e da atriz Marília Barbosa, que participou no ano passado da última homenagem a Aracy, na Sala Sidney Miller da Funarte.

De flor no cabelo e vestido de chita

As duas bandeiras brancas e vermelhas que serão hasteadas hoje na fachada do Museu da Imagem e do Som, com as inscrições "Viva Aracy Rosa de Ouro" e "Homenagem do MIS a Aracy Côrtes", lembrarão a quem passar ali o nome daquela que recebeu, ao longo de 65 anos de carreira, os títulos de "Rainha do Rádio", "Estrela das Estrelas", "Dama do Teatro", "Rainha do Samba", "Voz de Ouro", "Rainha das Atrizes", "Lábios de Mel" e "Pimenta em forma de Mulher".

Nascida Zilda de Carvalho Spinola, a 31 de março de 1904, na Rua do Matoso (Estácio), ela teve uma infância pobre. Filha do "chorão" Carlos Spinola, quase vizinho de Pixinguinha, foi entregue, ainda bem pequena, à madrinha, Carmen Cintra Nogueira da Silva, com quem aprendeu a ler e escrever em português, francês e inglês.

Aos 16 anos, de volta à casa dos pais, estreou no Circo Democrático, com a revista "Secos e Molhados". No ano seguinte, apresentava-se no Teatro Recreio com "Nós pelas costas". Mas foi em 1928 que veio o primeiro sucesso, quando lançou a canção "Linda Flor", de Luiz Peixoto e Henrique Vogeler, (mais tarde conhecida como "Ai, Ioiô") na revista "Miss Brasil", também no Recreio. Outros sucessos vieram com os lançamentos de "Jura", de Sinhô, "Carinhoso", de Pixinguinha e João de Barro, "Flor do Lodo", de Custódio Mesquita, "Na Pavuna", de Almirante. No teatro de revista, com irreverência, ironia e muita brejeirice, projetou-se em "Cidade Maravilhosa", Rumo ao Catete (dois anos em cartaz).

Depois de uma temporada em

no de Ópio e outras.

Recortes de jornais antigos registram frases pitorescas de Aracy: "Fiz meu nome com uma rosa no cabelo e vestido de chita"; "Eu tinha o salário de senador: 600 mil contos". Sempre manteve sua vida amorosa distante da imprensa. Do primeiro marido, cujo nome nem citava, dizia que "tinha ficado na Argentina". E do segundo, Renato Meira Lima, ex-assessor do Presidente Washington Luiz, comentava que tinha vivido a seu lado 12 anos de muito amor: "Ele me dava carros novos todos os anos", dizia.

Aracy teve uma casa na Urca, um sítio em Campo Grande e muitas jóias, mas aos poucos se desfez de tudo quando o sucesso acabou. Em 1942, abandonou pela primeira vez o palco, mas voltou em 1952 com "O bode está solto". Afastou-se novamente, depois de uma tournée na América do Sul, para voltar em 1965, com "Rosa de Ouro", dirigida por Hermínio Belo de Carvalho, ao lado de Clementina de Jesus e Paulinho da Viola. A partir daí, passou a fazer apresentações esporádicas, principalmente na sala Funarte, onde no ano passado foi homenageada ao completar 80 anos com o show "Linda Flor".

Marília Barbosa, que nessa ocasião trabalhou a seu lado, comenta:

— Ela era qualquer coisa de louco. Podia estar ruim de saúde, com problemas de diabetes, mas quando entrava no palco era uma pessoa tão bonita, tinha um sorriso tão meigo e uma capacidade de domínio do público nunca vista. Era também geniosa, briguenta, e às vezes brigava tanto nos bastidores que eu chegava a pensar que o show ia ser



Aracy posa com Marília Barbosa, sua última companheira de palco

Recado de amor.

A seção "Recado" dos Classificados do Globo funciona que nem cupido: acerta em cheio no coração de quem ama.

Classificados